

Ruídos do silêncio na pesquisa - a senhora do alojamento 2

Cada passo do pesquisador no campo produz interferência em ambos – no pesquisador e no campo. Ele (pesquisador) não passa despercebido, observa e sempre está sendo observado. Pensa, questiona, analisa e, ao mesmo tempo, está sendo analisado, comentado, pensado. Suas perguntas de curioso são respondidas com intento fortuito de interferir no seu pensar, raramente são dadas de forma livre, descontraída, por mais que seja “um dedo de prosa”. As pessoas que respondem às suas perguntas formam junto com o pesquisador uma nova forma de interpretar o fato, uma nova realidade, afastada do acontecimento real, recheada de intenção, precauções, emoções particulares, subjetivação dos fatos e da vida enfim. Por este motivo, podemos pensar que fazer ciência é criar em cooperativa, junto com seu objeto de investigação um olhar transformado da realidade em questão. Jamais estaremos sozinhos, separados, assépticos, inócuos. Talvez, isso seja o mais interessante da pesquisa: estar em movimento, provocando, transformando a realidade e sendo transformado pelo que se ouve, vê, fala, pelo que se cala. Certeza da verdade não se tem, a verdade é aquela momentânea que aparece no encontro com o campo. É o presente, o instante, que no próximo passo se modifica, no próximo encontro toma outra forma. O pesquisador fala daquilo que já se foi, que já não é presente, fala de lembranças mesmo que armazenadas em um gravador de voz, em uma filmagem, ainda assim, é interpretação do acontecido que já não era real e sim produto recheado de percepções particulares, subjetivadas em narrativas. Portanto, no processo de caminhar seguindo pistas podemos marcar o que vemos, apresentar à comunidade acadêmica o quê e como se deu a peregrinação do pesquisador em busca de seu sonho: encontrar respostas para seus questionamentos iniciais. Quais histórias lhe foram contadas, quais verdades foram engendradas e, se possível, encontrar o silêncio que tem voz, enxergar o vazio e trazê-lo à tona, preenchendo-o de ciência, de palavras construídas pela pesquisa. O que se espera é que sejam boas palavras, que o texto tenha a capacidade de provocar outras pessoas, refrescar, inspirar, fustigar, mas se não der, se ficar perdido nas pastas, nos arquivos, que tenha transformado o autor. Alessandro Portelli (1997) diz que “A mais literal tradução é dificilmente a melhor, e uma tradução verdadeiramente fiel sempre implica certa quantidade de invenção”, portanto, em alguma parte do meu caminhar “pesquisante” aconteceu:

“-A senhora está morando no alojamento 2, não é? Eu não quero assustar não, mas, esse alojamento tem história... não é João? Não foi o marido daquela moça...a Marilene... que foi encontrado morto deitado na banheira daquele quarto? Foi...e nunca mais ninguém ficou lá...” diz o segurança da portaria de serviço ao me ver saindo para o café da manhã. Começa assim mais um dia de pesquisa no Grande Hotel e nas Termas de Araxá. Após um sorriso como resposta, saio para beber água sulfurosa direto da fonte, antes de fazer uma caminhada entre as árvores e pássaros do parque projetado por Burle Marx. As recomendações são inúmeras “-Você só pode beber um gole senão é dor de barriga na certa...esta água é muito pesada, tem cheiro de ovo podre, pode prejudicar os rins”. Disposta a tomar um copo cheio da água além de passar no rosto, me encaminho para a fonte. Lá encontro três barracas de artesanato: numa um casal de cabelos brancos são os donos e dizem como a água faz bem para a saúde. A mulher relata que seu marido esteve muito doente do

fígado e da vesícula, mas que ficou bom se valendo da ingestão da água diariamente. “-Hoje, (mostra ela apontando para seu velho) ele está forte como uma rocha”. Os dois relatam histórias sobre as propriedades dos sais existentes na tal fonte, dizem que viram curas espetaculares durante todos os anos em que vendem seus panos de renda. Os senhores empregados com seus testemunhos instalaram na sua barraca uma extensão do comércio onde vendem sabonetes feitos com sais e com lama do lugar. Em outra barraca uma jovem senhora sorridente balança a cabeça confirmando o que seus vizinhos narravam. Na terceira banca, uma senhora de meia idade, vibrante, ágil, de cabelos pintados avermelhados logo se anuncia como uma espécie de líder dos artesãos. Fala da importância da água sulfurosa para a vida das pessoas de Araxá e explica que antes de ser construído o complexo dos hotéis em torno da nascente e, finalmente, o luxuoso Grande Hotel e Termas de Araxá, aquele lugar era disputado por fazendeiros que traziam seu gado para ingerir a água, pois os deixavam com boa saúde. Por causa deste efeito sobre os animais foi que as pessoas começaram a fazer uso da lama e da água como fonte mineromedicinal e o lugar foi se transformando em estância até chegar a ser o complexo que é hoje. Porém, nem tudo foram progresso e continuidade, houve um período de oito anos, conta ela, em que o Grande Hotel foi fechado. Deste tempo procurei saber mais, porém, percebi que ao começar a pensar no que dizer a senhora mudou o semblante, murchou, caiu sua energia e contou que na época em que o Grande Hotel ficou fechado e depois no período de restauração foram tempos difíceis, sem hóspedes, de pouco trabalho. Culpou os governantes por abandonarem o povo que vivia em torno dos serviços do Grande Hotel e das Termas, filhos da região do Barreiro. “-Poucas pessoas vinham aqui. Virou uma pobreza só. Dava dó de vê. Prejudicou Araxá inteira, pois ninguém tinha dinheiro para comprar no comércio, todos ficavam devendo... foi horrível”. Conta que aconteceu uma revolta popular e as reclamações do povo foram parar na rádio, isso resultou em ação do governo que promoveu uma licitação e transferiu a administração do Grande Hotel para uma empresa de resorts da Amazônia. Assim, começou o período de recuperação e obras de restauração na parte de dentro da edificação. Como o prédio fora lacrado com todos os elementos intactos dentro dele e rodeado por tapumes, muitas histórias fantasmagóricas foram criadas como efeito deste período. A senhora continuou suas lembranças “-Quando estavam restaurando o salão do Grande Hotel os trabalhadores diziam que escutavam gritos de mulher e ficavam apavorados a ponto de sair correndo e abandonar o que estavam fazendo. Era difícil parar gente aí para trabalhar...teve uma vez que estavam retirando o lustre central de um dos salões, todo de cristal e ficaram tão assustados que um moço caiu da escada alta e se machucou...parece que quebraram um monte de peças...era os gritos de mulher”. Ela continuou narrando os casos e sua energia subiu bastante, até que me despedi, lavei o rosto, bebi a água sulfurosa e continuei meu caminho no parque circundando um lago em meio a reflexos prateado do sol, não sem antes apreender o quão penoso foi emocionalmente para as pessoas que viveram os dias de pobreza, dívida e humilhação discorrer sobre isso. Por outro lado, ficou visível como gostam de contar histórias dos fantasmas e assombros vividos no lugar, narram com expressões faciais teatrais de muita paixão. Parece-me que é uma forma de compensar os casos difíceis e na maioria das vezes eles anseiam falar sobre os casos de fantasmas.

A cidade de Araxá começou com o turismo em torno da nascente porém, tem uma relação muito forte com a mineração e recebeu como companheira a CBMM – Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração e, após coletar informações sobre a implicação da cidade com a mineração, pensei em uma possível relação entre a época do fechamento do Grande Hotel e das Termas (1994) pelo governo do estado e a exploração do metal Nióbio iniciada há cinco anos antes pela CBMM (1989) sob concessão do mesmo governo. Segundo Rocha (2006), 98% das áreas de mineração de Araxá localizam-se nas sub-bacias do Córrego do Sal, Ribeirão Capivara e Ribeirão Pirapetinga e a área do Barreiro é considerado uma sub-bacia nomeada Córrego do Sal, portanto, importante região de mineração. O Grande Hotel e as Termas já estavam instalados na região bem como a população ao seu entorno quando houve a concessão à CBMM. Durante a construção de uma barragem de resíduos minerais (1982) ocorreu um grande vazamento de metais prejudiciais à saúde humana e ao meio ambiente, fato que rendeu protesto popular e ação judicial para a mineradora. O Nióbio extraído do sítio é um metal de grande interesse mundial e Araxá possui a segunda maior jazida do mundo deste metal. As leis dos recursos minerais são abalizadas em exploração, o que se contrapõe com a mentalidade de preservação ambiental ao qual a área do complexo do Barreiro está proposta. A região do Grande Hotel e seu entorno é considerada APP- Área de Preservação Permanente, por ser uma estância hidromineral tombada como UC - Unidade de Conservação pela Constituição Estadual. O Complexo Turístico do Barreiro é constituído pelo Grande Hotel, Termas, Fontes Dona Beija e Andrade Júnior, Praça de Esportes, jardins, bosque, lago, ilhas e área de recarga das fontes. Segundo Rocha (2006), na Lei de Uso de Ocupação do Solo do município, a região é considerada como Setor Especial de Preservação Ambiental. Isso significa, ao menos teoricamente, que todo cuidado e atenção deve ser considerado para esta área. Disso sobrevém uma intrincada relação de poder entre Estado e população. O Estado mediante a visão de aproveitamento econômico dos recursos minerais deixa de levar em consideração os humanos presentes nos espaços. Os humanos da área do Barreiro contam suas lembranças, suas histórias de fantasmas, ensinam sobre os benefícios terapêuticos da água e da lama, fazem manutenção de sua cultura e lutam judicialmente contra a CBMM que contamina a água do bairro com Bário “Foram protocolados, na tarde do dia 19 de Janeiro de 2009, no Fórum de Araxá, cerca de 80 pedidos de indenização dos moradores do Complexo do Barreiro contra a Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM) e Bunge Fertilizantes. De acordo com a advogada Márlia Aparecida da Silva, mais 40 pedidos de indenização ainda serão protocolados nesta semana. As mineradoras são acusadas de contaminar a água dos moradores com Bário”.

<http://ongvidaverde.wordpress.com/2009/02/25/contaminacao-por-bario-nas-aguas-do-barreiro-em-araxa-mg/>

Segundo o médico Sérgio Teixeira em seu site sobre “Os minerais e o ser humano”, o principal minério do bário é a barita (BaSo₄), ou seja, o sulfato de bário. Este metal tem a propriedade de absorver gases. É forte antagonista do cálcio no organismo. Descoberto em 1808, seu nome significa "pesado". O bário é um elemento tóxico que pode matar pela ingestão de apenas meio grama mas, felizmente, sua absorção é lenta. Os sintomas da intoxicação aguda pelo bário são: excessiva salivagem, vômitos, cólicas, diarreia, tremores

convulsivos, pulso lento e pressão alta. Seguem-se hemorragias no estômago, intestinos e rins, e finalmente parada cardíaca. O exame de sangue apresenta grande aumento de leucócitos, simulando uma infecção aguda, e as radiografias mostram lesões ósseas do fêmur e do maxilar. O bário é uma grande causa de derrames e acidentes vasculares quando em excesso no organismo. A presença de bário no organismo das crianças acarreta retardamento mental com tendência a se isolar e a não se desenvolver fisicamente. Nos idosos o bário provoca a demência senil e leva a um comportamento infantil e inseguro, ocorre o aumento da próstata nos homens e dificuldade de reter urina em ambos os sexos. Assim, de alguns anos para cá, a população de Araxá vem se embaraçando com esta incongruência entre manter um local turístico de restabelecimento da boa saúde em uma área onde o ato da mineração contamina o solo, o ar e as águas. Tal chaga é cultural e ética. Cultural porque todo o Complexo do Barreiro juntamente com a água mineral sulfurosa faz parte da constituição da cidade como símbolo cultural de várias gerações e, ética porque além dos moradores, os hóspedes estão sendo logrados com o silêncio de todos, isso causa constrangimento, culpa e parece apresentar fenômenos fantasmagóricos subjetivando a confusão instaurada.

“Olha me pediram para não contar, mas, meu namorado estuda no CEFET e eles andam encontrando no lago aqui do Barreiro, sapo com duas cabeças, É da água que está toda contaminada” (trabalhadora das Termas).

“Você já foi lá do alto das ruínas do Hotel do Rádio? Dá pena de ver...a mineradora está destruindo tudo e vem na nossa direção” (trabalhadora do Grande Hotel).

Para Portelli (1996) a subjetividade está presente nas narrativas orais e é o tesouro escondido na fumaça, mais relevante do que a objetividade do fato. Para este autor “o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro” e, portanto produz subjetivação e por isso podemos trabalhar a fusão do individual com o social numa abordagem qualitativa. As fontes orais e das memórias são capazes de abrir, mostrar o caminho e desenhar o campo de possibilidades para o pesquisador buscar, numa esfera subjetiva experiências que até então seriam inimagináveis. Deste modo, “sapo de duas cabeças” ou “gritos de mulher” são importantes relatos diante do quadro emocional de medo embutido na narrativa. Considerando que desde a implantação da mineradora o tipo de escavação que é feito para a retirada do Nióbio (superficial e circular) vem avançando em direção às terras do Grande Hotel e Termas e sua cratera já é visível dos satélites a população da área em torno tem a percepção de que a devastação chegará até suas casas e seu lugar de trabalho.

Explorar até o esgotamento com posterior abandono da área devastada. Essa mentalidade é fundamentada nas leis do uso do solo, pois a água considerada mineral (como a do Barreiro de Araxá) não está sujeita à proteção legal apoiada na Política Nacional de Recursos Hídricos, estabelecida pela Lei 9.433, de 8 de janeiro de 1997, a chamada Lei das Águas que busca a preservação do meio ambiente, mas sim, no Código de Águas Minerais e o Código de Mineração que definem a água mineral e seu solo como um bem mineral e não um recurso hídrico e, por isso, pode ser explorada economicamente até o esgotamento. Nesse sentido, é autêntico o medo que se manifesta, de contaminação prejudicial à saúde dos moradores, trabalhadores (e dos hóspedes?) juntamente com o medo de desaparecimento do lugar onde vivem e trabalham. Existe ainda, o receio de falar sobre o caso e perder a visita dos

hóspedes e, talvez por isso, se perceba um grande constrangimento por parte da maioria em falar sobre o assunto contaminação e mineradora. Talvez seja mais leve, lúdico, divertido e criativo traduzir esses medos em forma de casos de fantasmas que habitam o lugar. De qualquer forma, é função do pesquisador encontrar as pistas e segui-las na direção de escutar o que silencia.

Nessa idéia, se deu a continuidade da escuta de casos sobre fantasmas que habitavam o local e espalhado entre todos os trabalhadores, direto ou indireto, no Grande Hotel e nas Termas de Araxá. Não podia chegar uma pessoa no alojamento que eu ouvia algo como “-Dona tem companheiro meu que não consegue dormir neste lugar e fica assistindo televisão a noite toda, com o olho estatelado, nem dá para descansar e no dia seguinte tem que seguir viagem levando o pessoal....daquela janela dizem que Dona Beija vem voando do lago escuro por esses corredores....ui...dá para sentir o vento e ficar arrepiado” padece o motorista de ônibus que fazia o transporte de turistas ao lugar. Porém, algumas histórias versavam sobre o adoecimento dos locais ligadas à mineradora e isso me parecia um sinal de alerta “-Meu netinho vive com problema respiratório por causa daquela poeira da mineradora. Tem dias que não dá nem para respirar” (moradora do Barreiro e trabalhadora das Termas). Logo em seguida, a mesma avó contava “-Meu netinho tem medo danado do entardecer...ontem nós estava aguando as planta no terreiro e ele começou a gritar sem parar...tive que correr pra dentro de casa e fechar todas as janelas...a bisavó dele já tinha esse medo e recomendava que quando chegasse a noite tinha que se trancar em casa para não entrar coisa ruim” disse a senhora que é hipertensa grave, apertando os olhos e esfregando as mãos de agonia e medo. Será que esse medo tem tradição cultural ou esse medo teria algum outro fundamento? O tempo todo essa pergunta circulava meus pensamentos.

Um dia, fui conversar sobre os casos de hipertensão, crises renais e dores nas pernas que percebia ser uma constante nas reclamações dos trabalhadores das Termas e falar sobre minha pesquisa com um médico que trabalhava no lugar e ele comentou que quando estudava medicina na Universidade Federal de Uberaba um professor anatomista mostrou o cadáver de um homem adulto de Araxá que havia morrido de problema renal, o catedrático dissera que aquele tipo de lesão encontrada nos rins do cadáver era típico de contaminação da água por bário. Deste comentário saiu um documento em papel timbrado assinado pelo médico dando indicação para que fosse a busca deste fato com o referido catedrático. Tal atitude (fazer um documento em papel timbrado e assinado) pareceu indicar que este médico, morador de Araxá, estivesse demandando a colaboração de um pesquisador de fora da cidade. Parte de seu comentário foi que ninguém ousava estudar tal assunto ou publicar sobre ele já que as águas do Barreiro eram contaminadas constantemente pela mineradora CBMM e “com grande não se mexe, a corda sempre parte do lado mais frágil” disse ele. Algum tempo depois desse relato assisti a um filme chamado “A qualquer preço”, de 1998, dirigido por Steven Zaillian, estrelado por John Travolta onde Jan Schlittman (John Travolta) é um advogado que, junto com seus sócios, não procura vencer causas mas sim entrar em lucrativos acordos financeiros. Mas tudo muda quando descobre que, em uma pequena cidade americana, Woburn, duas grandes companhias, a W.R. Grace & Co. e a Beatrice Foods, estão envenenando o

reservatório de água da cidade despejando produtos tóxicos. Assim oito famílias entram na Justiça pedindo indenização, pois seus filhos acabaram morrendo de leucemia, provavelmente em decorrência do envenenamento das águas por produtos químicos de fábricas locais. Uma investigação revela que duas corporações extremamente poderosas, a W.R. Grace & Co. e a Beatrice Foods, estão envolvidas. Durante o processo esse advogado sofreu inúmeras pressões, ficou sem amigos e perdeu tudo o que tinha. Na ficção nem tudo são flores quando se busca a verdade e ousa mexer com instituições que contam com *lob* federal. Será que este médico já havia assistido a este filme?

Diante da fala do médico podemos suspeitar que as doenças encontradas nos trabalhadores possam ser causadas pela contaminação da água por bário? A antiga gerente das Termas, naquele momento da entrevista com o médico, estava afastada, sendo tratada de câncer linfático e seus subordinados assustados diziam que a doença havia sido causada pela contaminação do lugar, será? O que se encontra em comum nesses casos é o medo constante rodeado de silêncios, segredos, constrangimento e angústia. Todos têm algo a dizer e não dizem, olham uns para os outros como se tivessem um segredo coletivo e se encontram em rodas de conversas para contar seus casos fantasmagóricos. Aproveitando, sugiro outro filme sobre contaminação e silêncio convoco aqui o premiado “Erim Brockovich, uma mulher de talento”, lançado em 2000, dirigido por Steven Soderbergh, estrelado por Julia Roberts onde Erin (Julia Roberts) é a mãe de três filhos que trabalha num pequeno escritório de advocacia. Na função de arquivista, passa por suas mãos uma papelada sobre uma operação de compra e venda de imóveis envolvendo uma poderosa organização de utilidade pública – a **Pacific Gás & Electric Company, PG&E** - e moradores de uma pequena localidade na Califórnia. *Erin* fica intrigada com a presença de laudos médicos numa questão patrimonial e resolve, por conta própria, investigar a estranha relação. No processo de investigação, ouvindo moradores e coletando informações de várias fontes, descobre um grande problema: o cromo-6, usado para tirar ferrugem das máquinas e liberado em grande quantidade durante anos pela empresa **PG&E**, teria contaminado os lençóis freáticos na região. Essa contaminação seria a causa de várias doenças produzidas na população da localidade, inclusive câncer. Quando descobre que a água de uma cidade no deserto está sendo contaminada e espalhando doenças entre seus habitantes, convence seu chefe a deixá-la investigar o assunto. A partir de então, com grande dificuldade para romper com o silêncio das pessoas envolvidas, consegue convencer os cidadãos da cidade a cooperarem com ela, fazendo com que tenha em mãos um processo de 333 milhões de dólares. O fato é que a poderosa **PG&E** manteve em cárcere privado, por anos a fio, um grande esqueleto: a contaminação ambiental. Não só tentou esconder o problema, como foi mais longe: chamou o pessoal da redondeza para explicar que o cromo liberado era benigno, até fazia bem para a saúde. Alguma semelhança com o caso de Araxá? O que tem em comum os dois filmes citados é que ambos foram gerados a partir de casos verídicos. Sendo assim, essa investigação em Araxá tem relevância social e elementos graves. Podemos lançar mão aqui de uma peça de teatro chamada “O inimigo do povo”. Peça escrita por Henrik Ibsen, em 1882, é uma obra-prima sobre as contradições humanas e a impotência do indivíduo diante da unanimidade. O texto apresenta como personagem central o Dr. Stockmann, médico de uma estância balneária, tal como o Complexo do Barreiro, que,

ao querer tornar públicas descobertas sobre contaminação do sistema de encanamentos de água, que poderiam beneficiar a cidade e seus visitantes, entra em choque com os interesses das poderosas e influentes personalidades da cidade que, por sua vez, conseguem manipular a opinião pública e colocá-la contra o médico. Vítima dessa unanimidade, o homem que queria salvar a cidade torna-se o inimigo do povo. Esse risco transborda a ficção, uma vez que, quando mostrei meu trabalho para os dirigentes do Grande Hotel e das Termas de Araxá com intuito de buscar soluções, em alguns meses recebi um email assinado por vários dirigentes, dizendo que não estavam interessados no que tinha a dizer, pedindo para eu me retirar da sala que usava.

Usando a História Oral como ferramenta metodológica de pesquisa existe a possibilidade de entrevistas com captação de relatos de pessoas simples, leigas, que podem estar usando palavra do povo mas que torna possível dar voz a assuntos considerados de menor importância científica, trazendo à luz uma versão clandestina que não foi contada pelos órgãos oficiais e que pode levar o pesquisador a encontrar grandes histórias. Entrevistas revelam aspectos desconhecidos de eventos conhecidos e contam bastante sobre os custos psicológicos da população envolvida nos eventos pesquisados. Nessa investigação percebi exatamente o grande desgaste emocional que as pessoas entrevistadas mostraram diante de suas lembranças sobre os acontecimentos que marcaram suas vidas, o envolvimento constrangedor com o trabalho diante da contaminação da água, com a saúde da família, na relação com a mineradora, com o estado e com o Complexo do Barreiro. Cheguei a pensar que os adoecimentos que vi entre os trabalhadores das termas seriam provocados como efeito do medo alterando o equilíbrio do organismo. É possível, mas esta hipótese, em um segundo momento, me pareceu artificial. Afinal, será que apenas a justificativa de reverberação dos efeitos psicossomáticos do medo sobre o corpo dos trabalhadores e moradores abarcaria esse caso tão complexo? Creio que não.

Mais adiante, meses depois que comecei as entrevistas me deparei com mais um caminho espinhoso: quando entrevistei a gerente do hotel da Previdência (antigo Cura e Repouso de Araxá) vizinho ao Grande Hotel (em outubro de 2009) escutei o que a moça tinha a dizer sobre a contaminação da água “- Eles estão quietos sobre isto. Parece que vão soltar a notícia da descontaminação da água esta semana. O que eles querem (CBMM, prefeitura, governo do estado, secretaria de turismo) é tirar esse povo daqui. Eles querem é construir um novo hotel neste lugar pensando na Copa do Mundo no Brasil, pensam que terão seleções se hospedando aqui para fazer a preparação antes das competições. Já tem a maquete do novo complexo, esteve exposta no salão das Termas e agora está na prefeitura”. Diante disso me pergunto: será um blefe a insegurança instaurada na população do Barreiro com fins de desocupação do terreno? Tal intenção de desocupação já vinha sendo sinalizada há anos, o pessoal da mineradora e governo do estado ofereceu indenização para quem saísse da área, mas a maioria nasceu no lugar, tem gerações que estão no espaço e não aceitam sair.

Por outro lado, no centro da cidade de Araxá se encontra pessoas que apóiam a mineração como uma via de crescimento e progresso para a cidade. A mineradora e todo o complexo envolvido com a exploração do solo (fábrica de fertilizantes) oferecem mais de cinco

mil empregos para os habitantes, os CEFETs oferecem cursos técnicos para formação de mineradores e afins, 25% da receita da CBMM vai para o governo do estado e a CBMM compra ambulâncias, carros da polícia e apóia um hospital beneficente da cidade. Com esses argumentos é fácil encontrar quem não queira falar sobre a contaminação do solo, da água ou do ar que é deixado como rastro na cidade. Quando pergunto: -Araxá é uma cidade turística ou mineradora? Escuto a resposta: “-Pois este é o nosso impasse! (aparece no rosto do interlocutor um sorriso sem graça) e continua... Para mim a cidade é mineradora. As mineradoras juntas dão mais de quatro mil empregos. O turismo é importante também, mas quem dá mais trabalho pra nós é a mineradora (homem 32 anos).” Neste momento o jornalista que prestava atenção a entrevista interferiu dizendo que “esta história de contaminação é conversa! Ninguém pode provar, não é palpável. Dizem que na cidade há um aumento do índice de câncer. Como saber se este câncer vem da contaminação da água, do ar, da terra? Em todos os outros lugares por aí tem muito câncer também. O povo só acredita se for visível, se puder comprovar. Quem vai comprovar uma coisa dessas?”. Logo em seguida chega um senhor para olhar as revistas e o jornalista o convida para dar uma entrevista para a pesquisadora sobre a cidade e o Grande Hotel. Meio desconfiado o senhor conta que “trabalhei no Grande Hotel desde 1944, quando tinha 16 anos. Fiquei até me aposentar como chefe de Alimentos e Bebidas. Este hotel representa a minha vida, é tudo para mim. Muita gente foi formada no Grande Hotel e está por aí em hotéis de Brasília, São Paulo, é uma escola. Não acompanhei muito as Termas porque ficava no hotel, mas, tinha histórias de cura mesmo. O pessoal vinha e ficava hospedado por longo tempo, tinha médicos que cuidavam, era muito bem conceituado. Nunca mais fui ao Barreiro...” Por quê? “...Não sei, perdi o interesse”. O senhor (e os outros entrevistados) se refere ao Barreiro como um lugar que não pertence a Araxá, um lugar distante, isolado, mas o Complexo do Barreiro fica a 5 km de distância dali. Parece que o que acontece no Barreiro é um espinho nos pés da população, que prefere ficar em silêncio, parece querer que o lugar desapareça. Ao ser inquirido sobre o que pensava sobre a contaminação das águas o senhor desviou o olhar para o chão e disse que não gostava de falar sobre isso, que sua filha o estava aguardando e rapidamente se foi.

Em um mesmo lugar ocorrem memórias e verdades diferenciadas sobre um mesmo assunto, por que não dizer ângulos de visão diferentes. De qualquer forma cada grupo de pessoas descreve a situação a partir do seu interesse de uma subjetividade formada da vivência relacional com o feito em questão. É possível entender que essas pessoas silenciam uma memória que é marginalizada. Para Michael Pollak (1998) “Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou ao menos, de se expor a mal entendidos”. Trata-se, portanto, de uma experiência dificilmente dizível no contexto do mito que cerca o Complexo do Barreiro: da cura e saúde. São testemunhos de uma vivência real e negativa para si e para os seus, mas em lugar de poderem agir sobre suas histórias se submetem a ela de bom ou de mau grado. Pollak sugere que distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Neste sentido, a ênfase pode ser dada de outra forma colorida, recheada de chiste e nem por isso despotencializada, não deixa de ocorrer interação entre o fato vivido e o

que se pode mostrar hoje. Em outras vezes o silêncio pode ser a resistência que reflete a necessidade de manter a boa figura diante do opressor até que a rebelião esteja pronta.

O medo suscitado a partir dos casos de fantasmas contados de forma oral de pessoa a pessoa no Complexo do Grande Hotel e Termas de Araxá, tem diversas implicações, impasses, desdobramentos e artimanhas no jogo da relação de poder, *modos históricos de subjetivação*. Jogo entre os trabalhadores do Grande Hotel e das Termas e os administradores do lugar (Governo de Minas Gerais, Codemig e empresa hoteleira privada); entre os moradores do bairro do Barreiro e a mineradora CBMM; entre os moradores e trabalhadores do Barreiro e a cidade de Araxá; entre a água e o metal níobio. Para Portelli (1996), a palavra chave quando se depara com a representatividade das fontes orais é possibilidade. Onde no plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável. Penso que na manutenção da cultura de um povo e sua relação de forças, algo pode aparecer como possibilidade do novo, mais criativo, sustentável, mais ético e poético. É possível preservar a água mineral e o Complexo do Barreiro de Araxá que deu voz a beleza de Dona Beija como um bem cultural ligado a saúde sem que sua história desapareça na poeira da mineração do Níobio?

REFERÊNCIAS

CBMM, www.cbmm.com.br/

DNPM - Departamento Nacional de Produção Mineral. **Sumário Mineral**, 2000. Disponível em: <<http://www.dnpm.gov.br/portal/conteudo.asp?IDSecao=68&IDPagina=64>>.

_____. Portaria Nº 231, de 31 de julho de 1998. Regulamenta as Áreas de Proteção das Fontes de Águas Minerais. Disponível em: <<http://www.dnpm.gov.br/conteudo.asp?IDSecao=67&IDPagina=84&IDLegislacao=114>>

Pollak, M. – Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1998.

Portelli, A. O que faz a história oral diferente? Proj. História, São Paulo, (14), fev. 1997.

_____. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 59-72.1996

Rocha, M.B.B. “Levantamento do meio físico do município de Araxá-MG, utilizando técnicas de geoprocessamento”, UFU, 2006.

Teixeira, S. “os minerais e o ser humano”-

<http://www.velhosamigos.com.br/Autores/Teixeira/teixeira18.html>